

Conhecimento em Rede

Comunidades de Práticas discutem temas estratégicos e estimulam o compartilhamento de informações

Isabela Pimentel

Grandes ideias podem surgir a partir da troca e compartilhamento de informações em redes colaborativas. Com base nesta filosofia, o projeto de Gestão do Conhecimento (GC) do Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos/Fiocruz) lançou as Comunidades de Práticas (CoP), espaços que reúnem funcionários para estimular o debate de temas estratégicos para a unidade. A iniciativa faz parte da estratégia de aprendizado organizacional e busca estimular a construção do conhecimento, um dos bens estratégicos da instituição. Atualmente, ainda na fase piloto do modelo de CoP, existem quatro grupos em funcionamento: Comunidade de Práticas sobre Embalagem e Logística (CoP PackLog), de Nanotecnologia (CoP Nanotec), Plataformas Vegetais (CoP PVeg) e Redes Colaborativas em Oncologia (CoP-Rede Onco).

A primeira comunidade, criada em maio de 2013, sobre embalagem e logística, reúne colaboradores das áreas de engenharia industrial, produção, desenvolvimento tecnológico, garantia e controle da qualidade, logística e da área de relações com o mercado. O grupo tem atuação de destaque nos debates da implementação da Resolução de Diretoria Colegiada (RDC) 54/2013, da Agência

Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), que determina a adoção de procedimentos para rastreamento de produtos, por meio da tecnologia de codificação, armazenamento e transmissão eletrônica de dados em toda a cadeia de produtos farmacêuticos. Foi nos debates do grupo que surgiu a ideia de organizar um workshop sobre o tema em Bio-Manguinhos, envolvendo todos os laboratórios da Associação dos Laboratórios Farmacêuticos Oficiais do Brasil (Alfob), realizado em abril.

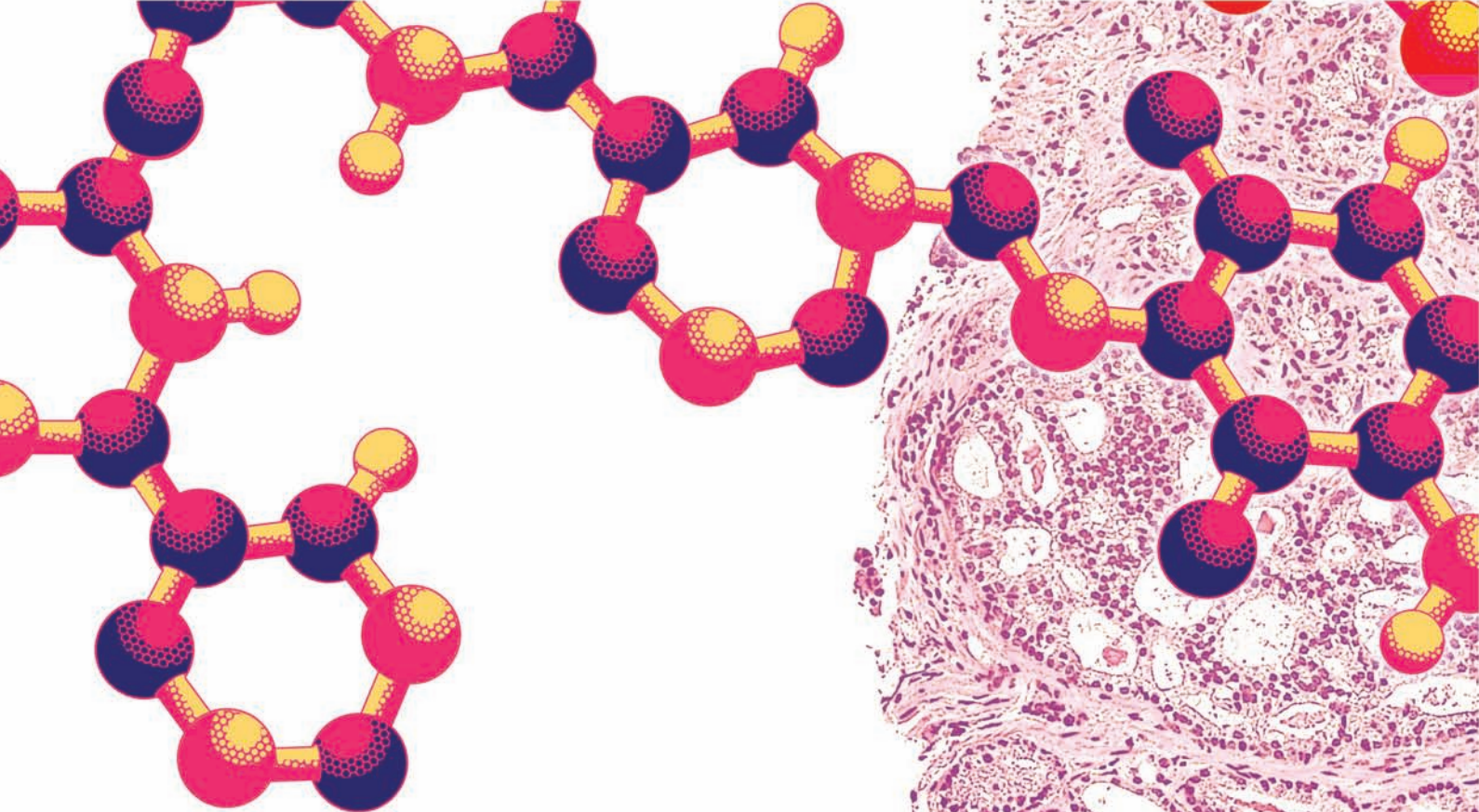
Comunidades independentes

Formadas por colaboradores e constituídas por núcleos centrais, as comunidades operam independentemente da estrutura organizacional e hierárquica, exatamente para estimular novas abordagens e colaboração entre os membros. Eles são de áreas diferentes, têm expertises complementares e usam o espaço para compreender melhor outras práticas profissionais e conhecimentos especializados por meio da troca de experiências.

Como ferramenta operacional para estimular, organizar, registrar as ações e avaliar a participação nas CoP, estão sendo estruturadas áreas

virtuais dentro do Portal Corporativo de Bio-Manguinhos (intranet), que se utiliza do conceito web 2.0, formando um novo cenário de ambientes de redes e estimulando a interatividade. Os novos conceitos surgiram para agrupar, nomear e incentivar projetos voltados para interação e capaz de produzir novos conhecimentos: a inteligência coletiva em rede.

A iniciativa ajuda a estruturar uma cultura de redes de aprendizado, gerando um ambiente propício à inovação. Além de reuniões periódicas e encontros entre os membros de cada grupo, há uma troca constante entre comunidades diferentes. Em junho foi realizado um encontro entre todos os líderes das comunidades pilotos. Quando surgiram as primeiras CoPs, a proposta era ter apenas um líder, mas a experiência mostrou que, para facilitar os fluxos e não sobrecarregar ninguém, a meta é que cada CoP tenha um núcleo central formado por três a cinco colaboradores e que esse núcleo seja responsável por estimular a participação de todos os interessados nas ações das CoPs. Com o objetivo de discutir a produção de produtos biotecnológicos a partir de plataformas vegetais também surgiu, em março, um grupo sobre o tema, refletindo os desafios da unidade na implantação do novo *campus*, no Ceará.



Redes colaborativas em oncologia

Para discutir as perspectivas e desafios no combate ao câncer e desenvolvimento de novos biofármacos, foi criada em junho a mais recente Comunidade de Prática de Bio-Manguinhos, a de Redes Colaborativas em Oncologia. O tema torna-se estratégico para o país, em um momento em que o tratamento do câncer é responsável pelo gasto de R\$ 400 milhões pelo Ministério da Saúde para aquisição de biofármacos. O câncer, causado por alterações no metabolismo, deve registrar cerca de 22 milhões de novos casos por ano até 2030, de acordo com previsões da OMS.

Neste cenário, os biofármacos assumem perspectivas cada vez mais promissoras no tratamento da doença e se tornam parte estratégica do Complexo Industrial da Saúde, o que se refletiu na assinatura de 17 Parcerias para o Desenvolvimento Produtivo (PDP) relacionadas ao câncer, em 2013. Considerando a atual carteira de projetos, o Instituto tem a possibilidade de futuramente atuar na produção de vacinas terapêuticas contra o câncer, com uso da nanotecnologia.

Encontro de redes

Em 10 de setembro, ocorreu em Bio-Manguinhos um encontro entre as Comunidades de Prática de Plataforma Vegetal e Redes Colaborativas em Oncológicas, com o objetivo de discutir a produção de biofármacos desse gênero, especialmente os monoclonais, em plataformas vegetais. A proposta surgiu após a divulgação do tratamento experimental que está sendo utilizado contra a infecção pelo vírus ebola, baseado na utilização deste tipo de anticorpo contra o vírus, que foi produzido rapidamente em folhas de tabaco, em um sistema bastante semelhante ao que será utilizado na fábrica de Bio-Manguinhos no Ceará.